

## UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA

FRANCISCA AUGUSTA LOPES BICHO\*

Os que assumiram o "ofício" de ensinar História devem, quanto a nós, questionar-se permanentemente sobre o ensino de História, o que os levará decerto a participar numa discussão acerca do papel da disciplina de História na formação e socialização dos jovens, quanto à natureza dos conteúdos - saberes presentes nos programas, e bem assim sobre a(s) pedagogia(s) a organizar, o que em última análise envolverá ainda o questionar do próprio conceito de História, trazendo ao debate os factores que justificam a relatividade do conhecimento histórico e da "História Escolar"

O debate que obviamente se deveria travar parece-nos, contudo, insuficiente, quer ao nível da Escola - Escolas, ou seja, entre os Professores da disciplina, quer ao nível da Associação de Professores de História - embora certas acções tenham vindo a ter lugar e seja importante o esforço manifestado -, sendo ainda mais insuficiente se considerarmos que o lançamento experimental dos novos programas não foi precedido do amplo debate a que a Reforma Educativa/Reforma Curricular obrigava, proporcionando-se assim um momento de reflexão sobre o Ensino da História, que sentimos em crise, no contexto afinal da crise mais geral da Escola e da Sociedade.

Com efeito, bem poderemos falar de uma certa crise do ensino da História, cuja problemática não cabe desenvolver

aqui, mas de que Professores e Alunos se apercebem, pelo menos através da vivência "negativa" do contacto com os programas, que os "controlam", na transmissão/absorção mais ou menos "forçada" de uma determinada História, que tantas vezes não suscita o prazer do conhecimento, como não perspectiva os caminhos de múltiplas memórias, da memória que reencontrada pudesse dar sentido às perguntas dos nossos jovens face à sociedade/ao mundo de hoje.

Movimentando-se num quadro pouco estimulante e de dificuldades várias, Professores e Alunos vão tentando encontrar estímulos, "dar a volta" a programas e pedagogia(s), tentando descobrir o prazer da História, no que de complexo encerra o próprio conceito.

Considerando de todo o Interesse a divulgação/troca de experiências de trabalho, na perspectiva de um enriquecimento que supere os limites do prazer que sentiram Professores/Alunos envolvidos, pensamos que pode ser esta Revista um espaço privilegiado para tal divulgação/troca, assim se desencadeando um certo debate sobre o que uns e outros vão pondo em prática ou planificam para o futuro.

Nesta linha de pensamento e após uma conversa com os Alunos, decidimos referir aqui a(s) experiência(s) de trabalho dos Alunos/Professora do 12º Ano (Turmas I, H e J) - História - Escola Secundária Dio-

\* Docente na Escola Sec. Diogo Gouveia de Beja

go Gouveia - Beja.

Os que conhecemos o programa de História do 12º Ano, sabemos quanto é difícil geri-lo conseguindo uma boa receptividade por parte dos alunos, que dos 4 temas apenas se entusiasma pelo 3º - *'A Demografia do Antigo Regime e a Família - sécs. XI-XVIII'*.

De facto, sentimos que os alunos privilegiam aquela temática no conjunto dos conteúdos programáticos: - no seu todo, estes representam um corte com a *'continuidade'* da História de Portugal - 10º/11º anos, por outro lado, os Temas II e IV - *'A evolução das tendências longas da Economia Europeia (séc. XVI-XVIII/III Tema: sécs. XIX-XX/IV Tema)'* são tidos como *'áridos'* e chocam também com as lacunas que os alunos têm ao nível de conhecimentos de Economia, enquanto o I Tema, sendo o Introdutório ao trabalho de todo um ano, quase sempre desmotiva pela dificuldade que os alunos sentem na apreensão do alcance da problemática equacionada - *'Evolução da Ciência Histórica... A Ciência Histórica actual... Conceitos... Metodologia e Epistemologia da História, a Relatividade do Conhecimento Histórico'*

A adopção de uma estratégia estudada com os Alunos, ou seja, baseada na auscultação das suas opiniões/sugestões, levou-nos a alterar (a partir do ano lectivo de 1989/90) a sequência dos temas a tratar. Assim, passámos a explorar em 2º lugar o tema III, visando desta forma despertar *'atempadamente'* um maior interesse pela *'descoberta da História'*, bem como um *'ganhar fôlego'* para uma melhor aceitação dos outros conteúdos, o que em termos de balanço parece ter sido positivo.

No presente ano lectivo (1990/1991), vivemos (de novo) preocupações anteriores aquando da exploração do Tema I do programa - qual *'navegar por entre as correntes do fazer História, partindo no barco de palavras várias'*, Lucien Febvre a Historiadores nossos contemporâneos, em *'combates pela História'* como *'o historiador não poderia escolher os factos. Escolher? Com que direito? Em nome de que princípio? Escolher, a própria negação da obra científica...'* Mas toda a história é

escolha. <sup>(1)</sup> - (crítica de L. Febvre à História tradicional, afirmação de que toda a História é escolha), ou ainda *'É que pôr um problema é precisamente o começo e o fim de toda a história. Se não há problemas não há história (.) A fórmula cientificamente conduzida implica duas operações, as mesmas que se encontram na base de qualquer trabalho científico moderno: pôr problemas e formular hipóteses'* <sup>(2)</sup>

Sim, preocupávamo-nos com o facto de os nossos Alunos *'navegarem'* (que compreensão?) na interpretação das palavras dos diversos Historiadores abordados, compreendendo ou não esse papel activo que o Historiador desempenha, consciente de que *'a objectividade histórica - objectivo ambicioso - constrói-se pouco a pouco através de revisões incessantes do trabalho histórico, laboriosas verificações sucessivas e acumulação de verdades parciais'* <sup>(3)</sup>.

Então, apresentámos aos Alunos a proposta de se *'converterem em historiadores'*, que individualmente ou em grupo partissem à descoberta de elementos - respostas para o(s) seu(s) problema(s) - os aspectos de História Local ou História de Portugal que desconhecêssem e tivessem interesse em conhecer.

Houve aderência à proposta e definiram-se os termos em que o nosso trabalho decorreria: - as aulas prosseguiriam com a exploração dos temas do programa; - os Alunos desenvolveriam os trabalhos que escolhessem, solicitando a orientação da professora apenas quando tal fosse absolutamente necessário; - esses trabalhos deveriam estar terminados no início do 3º período.

Organizaram-se grupos, alguns Alunos decidiram trabalhar individualmente, estabeleceram-se os trabalhos a realizar:

- I República Portuguesa; - Estado Novo; - Guerra Colonial
- Vinte e Cinco de Abril

## II

- Mina de S. Domingos (A "história da Mina e das gentes")
  - Chafarizes, Fontes e Poços da Cidade de Beja (de referência em manuscritos do séc. XIX aos nossos dias/alguns exemplos e o levantar do problema da água)
- |                  |                                  |
|------------------|----------------------------------|
|                  | - História - aspectos diversos.. |
| - Beja           |                                  |
| - F. do Alentejo |                                  |
| - Vidigueira     | - a Toponímia                    |

Definidos os trabalhos do conjunto I, surgiu a ideia de efectuar uma Exposição a abrir no dia 25 de Abril, o que efectivamente veio a acontecer.

Produto de um grande entusiasmo, foram expostas na Casa da Cultura de Beja, e posteriormente na Biblioteca da Escola, sínteses dos trabalhos dos vários Alunos/Turmas, que conheceram e divulgaram aspectos da nossa História recente normalmente não abordados na Escola, como se não tivesse existido o Estado Novo e os seus negros mecanismos de repressão, como se a Guerra Colonial tivesse ocorrido no século passado, ou não fosse o Vinte e Cinco de Abril de 1974 a porta que se abriu para a Democracia.

Não é possível descrever o entusiasmo com que, em geral, se foram "vivendo" estes trabalhos, como os Alunos se sentiram enriquecidos e assim terão compreendido melhor essa tarefa de "fazer História"; os Alunos manifestaram tudo isso e provaram ser capazes de responder com total entrega às propostas que lhe interessam.

As palavras da Aluna que elaborou o trabalho sobre "Chafarizes, Fontes e Poços da Cidade de Beja" são bem significativas "Antes de dar início a este meu trabalho, gostaria de transmitir toda a grande alegria que sinto por ter podido elaborá-lo. Pela primeira vez senti a difícil tarefa que todo o historiador passa quando ao sentir-se interrogado sobre pequenos "enigmas" do passado tenta através do seu próprio sonho e dos documentos que possui descodificá-lo, e ao fazê-lo, torna-o visível aos olhos de outros homens para que assim

possam melhor compreender as suas raízes"

Nalguns casos foi compreendida a necessidade/a importância de recolher testemunhos orais, e há entre outros o exemplo do trabalho sobre a Mina de S. Domingos, em que a Aluna fez várias entrevistas a ex-mineiros, que cheios de uma grande sabedoria lhe ensinaram muito sobre História e histórias.

O Sr. Manuel Guerreiro, de 85 anos, fez afirmações de uma enorme riqueza e por fim dizia "Para mim, a Mina podia ter sido aproveitada para um "Museu Vivo", (...) mas os Ingleses foram uns ladrões e venderam tudo para a sucata, tiraram o lucro que puderam daquilo que eram os restos da mina, exploraram-na até ao fim, e hoje não é mais do que umas quantas paredes, quase derrubadas, que resistem com persistência ao passar dos anos, fazendo recordar que um dia ali existia uma mina das mais importantes, e que hoje não é nada, apenas um espaço morto onde o silêncio habita".

Com os Alunos destas mesmas turmas desenvolvemos um outro tipo de trabalho, que não queremos deixar de referir.

No âmbito do Tema - "A Demografia do Antigo Regime e a Família - sécs. XVI-XVIII" visitámos em Janeiro o Arquivo Distrital de Beja, na perspectiva de um primeiro contacto e da sensibilização para um trabalho com base em Registos Paroquiais no Arquivo - uma aula por semana, de fins de Janeiro a meados de Maio.

Os nossos objectivos eram, em síntese: - sensibilizar para a utilização de Fontes em trabalhos de investigação, designadamente os Registos Paroquiais - como Fontes demográficas; - fomentar o interesse pela investigação, através do contacto com os Registos Paroquiais de Beja - séc. XIX e recolha de elementos sobre BAPTISMOS, ÓBITOS e CASAMENTOS; - concretizar uma relação Escola-Meio que motivasse para - os conteúdos programáticos, a investigação/construção do conhecimento histórico, a História Local.

Os Alunos aderiram à proposta de trabalho e fixámos:

- as aulas de terça-feira destinavam-se ao trabalho no Arquivo;

- uma das turmas iria trabalhar com Registos Paroquiais da década de sessenta (1860...), enquanto a outra trabalharia com os da década de setenta (1870...);

- organizámos a distribuição dos livros de Registo por Aluno, respeitando para os de Beja a preferência pela sua própria freguesia, assim - ex<sup>o</sup>:

**Aluno X - Baptismos 1860 - Freguesia de Santa Maria**

**Aluno Y - Óbitos 1860 - Freguesia de Santa Maria**

**Aluno Z - Casamentos 1860 - Freguesia de Santa Maria**

os Alunos prosseguiriam o seu trabalho de recolha por assunto, ano e freguesia, aplicando-se o exemplo às 4 freguesias da cidade;

- os Alunos elaborariam uma ficha para cada Registo - de Baptismo, Óbitos ou Casamentos, de que deveriam constar os elementos normalmente inscritos, bem como quaisquer "curiosidades", dúvidas ou anotações de interesse;

- definido o termo do trabalho no Arquivo, procurar-se-ia fazer um apuramento global de dados por assunto/ano/freguesia/cidade, deixando desde logo em aberto o debate sobre a relatividade do conhecimento histórico.

- Os Alunos foram alertados para os condicionalismos em que decorreria o trabalho, a necessidade que iriam sentir de realizar pesquisas complementares, impossíveis de concretizar no tempo disponível, etc., devendo por isso consciencializar-se das limitações dos resultados.

- Para este trabalho contámos naturalmente com a receptividade do Sr. Di-

rector e funcionários do Arquivo Distrital, tendo estes últimos prestado uma preciosa ajuda e manifestado grande disponibilidade, proporcionando-nos 2 horas consecutivas de muito bom ambiente.

A forma como os Alunos foram realizando o trabalho, e designadamente a diferente atitude de alguns face à disciplina de História, asseguram-nos de que estamos certos quanto ao fazer do ensino da História um ensino diferente, que passe pelo contacto com as Fontes e outros espaços que não apenas a sala de aula, que se torne vivo pelo questionar e o "fazer história".

Em meados de Maio procurámos reunir os elementos que os Alunos haviam obtido, de modo a estabelecermos um quadro de várias componentes, tais como - ex:

## I

- Baptismo / Total, baptismo por sexo, baptismo de ilegítimos;
- Óbitos / Total, óbitos por sexos - idades;
- Casamentos / Total, casamentos por idades - sexo.

Não foi possível a determinação de taxas, ou a reconstrução de famílias, pois que a insuficiência de dados obrigaria a outras pesquisas.

Em algumas freguesias/anos/assunto o levantamento ficou incompleto, por serem muitos os registos e/ou pela maior dificuldade de leitura.

## II

- + Profissões mais registadas - interessante do ponto de vista da comparação com a realidade dos nossos dias, em que algumas daquelas profissões podem estar quase ou praticamente extintas; por outro lado, poder-se-ia abrir caminho a um estudo sobre as actividades económicas da época, o que suscitaria a continui-

dade do trabalho.

### III

- Nomes/Apelidos mais comuns, bem como nomes de ruas/freguesia, o que naturalmente também apontaria no sentido da elaboração de outros estudos.

As conclusões foram obviamente limitadas, contudo, acreditamos que os Alunos viveram com entusiasmo a experiência de um trabalho prático, contactando com livros do séc. XIX, com uma letra que os obrigava muitas vezes ao "decifrar" das palavras, com nomes e "curiosidades" que os interessavam, consciencializando-se por outro lado das dificuldades que se levantam ao investigador, mas também do pra-

zer que sentirá ao avançar no seu trabalho e na via da explicação para as suas dúvidas.

Para a Professora foi muito gratificante trabalhar com estes Alunos, que devemos salientar revelaram uma generalizada aderência às propostas apresentadas e sua concretização, sem o que seria impossível falarmos desta experiência.

### NOTAS

(1) - (2) FEBVRE, Lucien; *Combates pela História*, Lisboa, Presença, 1985  
(1) - Pág. 19, (2) - Pág. 31.

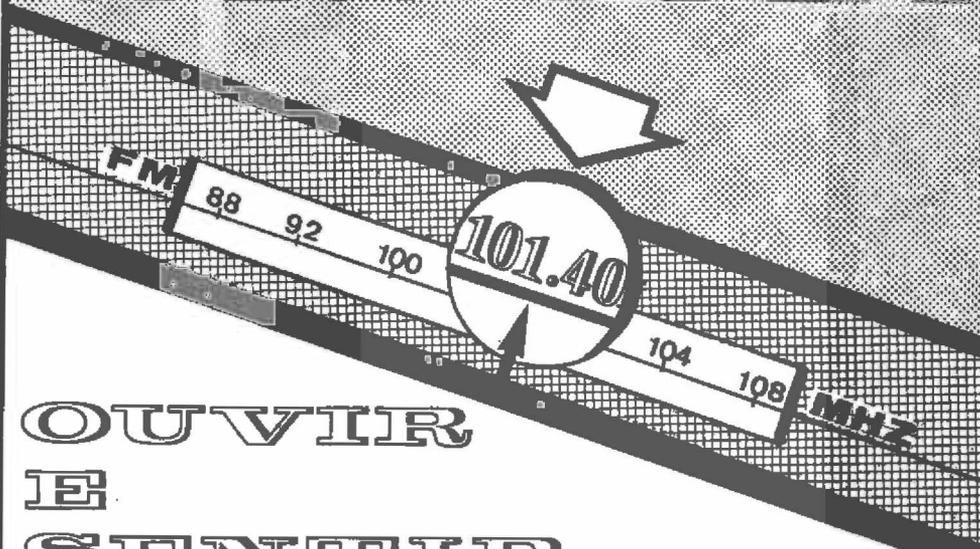
(3) - LE GOFF, Jacques; *História*, in *Enc. Einaudi*, Lisboa, 1984, Vol. I, Págs. 166 a 169.

Colabora com

LER  
Educação



**RÁDIO PAX**



**OUVIR  
E  
SENTIR**

**ALENTEJO**